

Este texto está sujeito à seguinte licença:

Licença Creative Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Portugal Commons

Para este efeito os autores são Ana Vitorino, Carlos Costa e Catarina Martins.

Descarregue, partilhe, utilize e transforme. Mas exclusivamente para fins não comerciais e creditando sempre as autorias originais. E volte a partilhar eventuais obras derivadas deste mesmo modo.

**A Frente do Progresso**  
a partir de “An Outpost of Progress” de Joseph Conrad  
Ana Vitorino, Carlos Costa e Catarina Martins

**VISÕES ÚTEIS**  
**guião Fevereiro 2007**

**personagens**

Narrador

Kayerts, o chefe do posto.

Carlier, o assistente do chefe do posto.

Makola, encarregado do posto

Director da Companhia

Marinheiro

Gobila, o chefe da aldeia vizinha

Mulheres das aldeias de Gobila.

Homens do posto do posto

Homens do rio

Homens maus

**espaço**

Um terreno desbravado e isolado entre a floresta e o rio, dominado por uma casa com varanda a toda a volta. Ao fundo uma campa.

## prólogo

Narrador - Estavam dois homens brancos encarregues do entreposto comercial. Kayerts, o chefe, era baixo e gordo. Carlier, o assistente, era alto e cabeçudo. Chegaram numa tarde cheia de sol, com o Director da Grande Companhia do Comércio, num barco a vapor que parecia uma lata de sardinhas.

### cena 1 - a chegada

*Abre o pano. Kayerts e Carlier estão no centro do palco. Makola aguarda a um canto. Entra o Director com um marinheiro.*

Director - Sr Kayerts, Sr Carlier, sejam bem-vindos. Esta será a vossa casa nos próximos seis meses. Como é que se sentem? Makola, onde é que está...? *(Makola aponta a campa. Para o marinheiro)* Ó, trata da... *(para Makola)* Dá-lhe uma ajuda.

*O marinheiro e Makola colocam a cruz na campa.*

Director - *(continua ininterrupto)* Este posto, meus senhores, é a única mancha de progresso num raio de 500 Km. Há quem diga que este é um sítio esquecido. Eu acho que é um sítio cheio de potencialidades. Aqui não estarão longe da civilização, mas antes serão os seus mais avançados dignatários. Se souberem mostrar-se merecedores do privilégio desta missão sagrada, só terão a ganhar. E não é só comercio: saúde, perserverança, força de espírito. Mas é sobretudo comercio. Quanto mais derem a ganhar à companhia mais ganham. E isso é que importa reter. Comissões, senhores.

*A cruz já está colocada. O Director aproxima-se. Kayerts e Carlier seguem-no.*

Director - Aqui repousa o primeiro chefe deste entreposto, o vosso antecessor. Lá na terra dele era um artista, mas aqui fez um valoroso trabalho. Planeou e vigiou a construção de tudo isto: o armazém, a casa... Morreu de febre.

*Kayerts e Carlier olham a campa. O director afasta-se. Makola mostra o livro ao Director.*

Director - *(em voz baixa, para Makola)* Muito bem! *(para o marinheiro)* Ó, começa a descarregar o... *(para Kayerts e Carlier)* Venham, venham, venham!

*Kayerts e Carlier aproximam-se do Director. Makola e o marinheiro tratam das cargas e descargas.*

Director - Esta é para vocês, meus senhores, uma oportunidade ímpar. Comércio, progresso, civilização, *(para Carlier)* está tudo nas suas mãos, Kayerts.

Carlier - Carlier

Director - *(continua ininterrupto)* Dedicção à nossa causa, *(para Kayerts)* e à causa do progresso, Carlier

Kayerts - Kayerts

Director - *(continua ininterrupto)* Ainda podem sacar daqui uma boa quantia. Tenham audácia, iniciativa. Este é o Makola *(apontando para Makola, que entretanto se aproximou)*.

Makola - O meu nome é Henri Price.

Director - *(continua ininterrupto)* Veio para cá com a mulher e os filhos, logo ao início. Vai poder ajudar-vos com os pormenores. Sabe línguas, contabilidade. É ele que trata dos negócios, das contas, dos homens aqui

do posto. Enfim, trata de tudo. Sr. Kayerts, Sr. Carlier. Ora bem, nomeio o... Sr. Kayerts chefe deste posto e Sr Carlier seu assistente. Convém, meus senhores, sublinhar o privilégio que esta nomeação representa para dois principiantes.

Kayerts - *(muito comovido)* Vou dar o meu melhor para ser merecedor da confiança que em mim tão generosamente depositaram.

Carlier - *(pouco impressionado, murmura)* Vamos ver, vamos ver.

*Director dá sinal ao marinheiro de que está pronto para partir.*

Director - *(afastando-se)* Há muito para fazer aqui. Pode fazer-se aqui uma horta. Pode fazer-se aqui um novo armazém. Pode fazer-se aqui uma vedação. Pode fazer-se aqui um novo cais. Coragem, Sr. Kayerts. Empenho, Sr. Carlier.

*Junta-se ao marinheiro no cais e acenam adeus.*

Director - *(para o marinheiro)* Olha para estes dois imbecis. Aposto que não vão fazer nada! Nem sequer sabem por onde começar. Dois inúteis num posto inútil. Seja como for, estou livre deles por seis meses.

*O Director e o Marinheiro saem. Kayerts e Carlier ficam a vê-los desaparecer.*

Kayerts - O nosso posto tem uma bela localização.

Carlier - Está bem orientado. Assim, voltado a sul. *(assusta-se com algo no rio)* Hi... po...pótamo...

Kayerts - Já não se vê o barco...

Carlier - *(disfarçando)* Nunca tinha visto um...

Kayerts - *(olhando à volta)* Isto ainda é amplo...

Carlier - Eu achava melhor que avançássemos... sem dar o flanco!

*Avançam de braço dado em direcção ao armazém.*

Kayerts - Isto não é um pouco poeirento?

Carlier - Este cheiro...

Kayerts - Havemos de nos habituar.

Carlier - Não se mexa!

*Kayerts fica paralisado. Carlier enxota um bicho da cabeça de Kayerts e esmaga-o com o pé.*

Carlier - Bem... resta-nos tirar o melhor partido disto.

*Passam pelo armazém, espreitam, e continuam em direcção à campã.*

Kayerts - Pobre diabo!

Carlier - *(murmura)* Morreu de febre, não foi?

*Param junto à campã.*

Kayerts - (*indignado*) Ora bem, eu ouvi dizer que o sujeito se expunha ao sol sem cuidado nenhum. O clima aqui, segundo dizem, não é muito pior que o nosso desde que não se ande ao sol. Está a ouvir, Carlier? Aqui o chefe sou eu e ordeno-lhe que não ande para aí ao sol.

Carlier - (*fazendo a continência*) As suas ordens serão cumpridas, chefe.

*Riem os dois.*

Kayerts - (*comenta enquanto o outro ri*) Só de pensar que posso ter de enterrar o Carlier e ficar aqui sozinho, fico com pele de galinha.

Carlier - (*comenta enquanto o outro ri*) Pobre Kayerts; tão gordo e tão pouco saudável. Era horrível ter de o enterrar aqui.

Narrador - Kayerts e Carlier tinham acabado de chegar ao vasto continente quando se sentiram subitamente muito sozinhos.

*Chegam à casa. Olham um para o outro e abraçam-se.*

Kayerts - Meu caro amigo.

Carlier - Meu caro amigo.

Kayerts - Tenho grandes planos. O que é que o director disse que podíamos fazer?

Carlier - Vamos viver a vida nas calmas, aqui! Basta ficar sentado e ir juntando o marfim que estes selvagens nos vão trazer. Esta terra, afinal, até tem coisas boas.

Kayerts - Uma vedação, um armazém novo, uma horta, um cais de embarque.

Carlier - Isto vai dar para umas belas pescarias.

Narrador - Era a primeira vez que se encontravam sem a vigilância e a orientação dos seus superiores. Arrancados à multidão civilizada, a que sempre tinham pertencido, sentiam-se abandonados no meio da selva. Uma selva estranha e misteriosa, onde se vislumbravam sinais de uma vida intensa; Coisas vagas e incontroláveis que tinham tanto de excitante como de assustador.

Kayerts - Hoje não conta, é o dia zero. Amanhã começamos. Levantamo-nos pela fresquinha...

Carlier - Pela fresquinha!

Kayerts - ... e mãos à obra!

*Entram em casa.*

## Cena 2 - o dia seguinte

*Carlier e Kayerts saem de casa e estranham o bafo do calor e o luz intensa do sol.*

Kayerts - Credo!

Carlier - Apre!

Kayerts - Sr. Makola

*Makola aproxima-se.*

Makola - O meu nome é Henri Price.

Kayerts - Onde estão os homens?

Makola - Chamar homens, duas sinetas.

Kayerts - Toque duas vezes, Carlier.

*Carlier toca o sino. Os homens do posto entram e sentam-se. Kayerts e Carlier olham confusos, mas decidem não dizer nada.*

Carlier - *(agoniado)* Este cheiro...

Kayerts - *(para Makola)* Este cheiro...?

Makola - ...

Kayerts - O cheiro é de quê?

Makola - É de quê?

Kayerts - O que é que cheira mal?

Makola - O quê?

Kayerts - De onde vem?

Makola - De onde?

*Kayerts e Carlier olham um para o outro. Kayerts desiste.*

Kayerts - É normal?

Makola - É normal.

Kayerts - Não cheira a nada?

Makola - Nada.

Kayerts - Eu sou o Sr. Kayerts, o novo chefe do posto. Este é o Sr. Carlier, o meu assistente. Vamos dar início aos trabalhos. Vão começar por limpar toda a área do posto. Depois quero que construam uma vedação a toda à volta. A seguir vamos ampliar o cais de embarque. Hoje começamos pela limpeza. Todas as manhãs daremos instruções precisas para o correcto desempenho destas tarefas. *(para o Makola)* Pode traduzir.

Makola - *(para os homens)* Muskio umtah kufah ungozii. Kufah undii.

Homem do posto - Mustah Kiosum.

Kayerts - Já está?

Makola - Já está.

Kayerts - *(para Carlier)* Bem... a língua deles sempre é mais simples do que a nossa... *(para os homens)* Então... upa! *(Os homens não se mexem)* Vamos... upa... upa!

Makola - Começar o trabalho?

Kayerts - Isso...

Makola - Ah! *(para os homens)* Mustah!

*Makola e os homens afastam-se. Carlier e Kayerts vão para a casa e começam a arranjá-la.*

Narrador - Kayerts e Carlier tinham resolvido instalar-se confortavelmente na sua nova vida. Não havia duas criaturas menos preparadas para tal empresa. A sociedade tinha sempre tomado conta destes dois homens; Não por ternura mas por precisar deles, por estranho que pareça. E agora, por falta de prática, eram incapazes de qualquer iniciativa, de qualquer fuga à rotina.

*Kayerts e Carlier terminam a decoração e vão para a varanda*

Narrador - Os dois pioneiros do comércio e do progresso passavam dias a olhar o vazio. O rio corria calmo debaixo do sol vibrante. Nas areias, hipopótamos e crocodilos espreguiçavam-se lado a lado. E a toda a volta, a imensa floresta, plena de vida, estendia-se no elequente silêncio daquela grandeza muda. *(sorri extasiado)*. Kayerts e Carlier não percebiam nada. Não queriam saber de nada; A não ser dos dias que faltavam para o regresso do barco. E assim se passaram dois meses.

*Kayerts e Carlier estão parados na varanda a olhar o vazio.*

### Cena 3 - saudades de casa

Kayerts - Sabe o que é que me estava mesmo a apetecer? Um éclair.

Carlier - Eu estou a escamar.

Kayerts - Se não fosse a minha Melie não me apanhavam aqui.

Narrador - Melie era a filha dele.

Kayerts - A Melie é a minha filha. Já lhe tinha dito... Deixei o meu trabalho na Administração dos Correios, onde fui tão feliz durante 17 anos, para ver se conseguia juntar algum dinheiro para a ajudar. A minha mulher morreu e foram as minhas irmãs que a criaram. Mas tenho tantas saudades... do movimento, de ir ao café, dos amigos, dos mexericos no trabalho...

Carlier - Se eu tivesse um cunhado decente não me apanhavam aqui. Já lhe falei dele... Deixei a vida militar, o meu regimento de Cavalaria, sem um tostão e a única coisa que ele me arranjou foi um emprego de segunda na Companhia. Não tive outro remédio senão vir para aqui. Mas tenho umas saudades... dos cavalos, dos sabres, das raparigas, das piadas de caserna...

Narrador - Kayerts e Carlier davam-se bem, na estupidez, na preguiça. Juntos não faziam nada, absolutamente nada e gozavam aquela vida de ócio pela qual estavam a ser pagos. E com o tempo acabaram por sentir afecto um pelo outro, ou algo parecido com afecto. Viviam como cegos num enorme salão, apercebendo-se apenas daquilo que lhes era mais próximo mas incapazes de compreender o aspecto geral das coisas. O rio, a floresta, o sol tudo aparecia e desaparecia diante dos seus olhos sem ligação e sem direcção.. O rio parecia vir de lado nenhum e seguir para nenhum lado. Fluía no vazio. E daquele vazio, por vezes, chegavam canoas.

### cena 4 - homens do rio

*Os homens do rio entram e agacham-se em frente à varanda. O seu chefe e Makola cumprimentam-se. Kayerts e Carlier observam da varanda*

Makola - Azdiah!

Homem do rio - Azdiah!

Kayerts - Olha, olha! Olha ali aquele sujeito. E o outro, o da esquerda. Já tinhas visto uma cara assim? Que selvagem tão engraçado!

Carlier - *(fumando cachimbo e cofiando o bigode)* Belos animais. Trouxeram algum dente? Sim? Até que enfim.

*Makola e o chefe dos homens do rio negociam.*

Makola - Azdiah!

Homem do rio - Azdiah!

Makola - Matiath... Sumka...

Homem do rio - Lakshan lazuh tiat.

Makola - Tiat? Hmm... Muska amithu zulah?

Homem do rio - Lakshan aksum diazah tajiri. Lakshan aksum utima tagarit.

Makola - Diazah tajiri? Matiath. *(pega nos dois maiores)* Aksum tagarit lakshan.

Homem do rio - Utima tagarit.

Makola - Aksum tagarit.

Homem do rio - Lakshan utima tagarit.

Makola - Uzal aksum tagarit.

Homem do rio - Aah! Akdiah! Amithu-ah Irijat! *(ameaçador)* Irijat! Kurit!

Makola - *(pousando os dentes)* Aksum tagarit. Diahza-ah.

Homem do rio - Utima.

Makola - *(afastando-se)* Aah. Mithua.

Kayerts - *(para Carlier)* Esta é a tribo que vive mais abaixo, junto ao rio. São bastantes aromáticos. Tenho ideia que já cá estiveram uma vez. Estás a ouvir esta barulheira? O que um homem tem de aturar nesta terra de cão. Tenho a cabeça desfeita.

Carlier - Olha para os músculos daquele sujeito, o terceiro a contar do fim. Quem não queria apanhar um murro no focinho daquele tipo era eu. Belos braços, mas as pernas, abaixo do joelho, não são grande coisa. Não davam para cavaleiros. *(olha para as suas pernas, complacente)* Pff! Cheiram mal!

Homem do rio - Utima tagarit.

Makola - Mithua. *(fica parado ao longe a olhar o homem)*

Homem do rio - Aksum tagarit uh diazah tajiri maithu.

Makola - *(aproximando-se)* Maithu?

Homem do rio - Aksum tagarit uh diazah tajiri. Shankal lakshan.

*Makola finge-se indeciso. Depois vai ao armazém.*

Carlier - Ó Makola dá-lhes daquelas porcarias que lá tens. É melhor ter o armazém cheio de dentes que de trapos.

Kayerts - Sim, sim. Eu depois vou lá, quando estiver tudo pronto, para pesar o marfim. Temos de ter cuidado.

*Makola volta com o material.*

Makola - Aksum tagarit uh diazah tajiri. Shankal.

*Os homens pegam na mercadoria. Makola pega nos dentes. Despedem-se.*

Makola - Mithua.

Homem do rio - Mithua.

Carlier - *(para o chefe dos homens do rio)* Leva aí uma bela porcaria.

Kayerts - Nada mal, Sr. Makola, nada mal.

Makola - O meu nome é Henri Price.

*Makola sai. Kayerts e Carlier ficam parados na varanda a olhar o vazio.*

#### cena 5 - os livros

*Kayerts entra em casa e volta com um livro. Carlier imita-o. Kayerts volta a entrar e traz dois livros. Carlier imita-o mas traz uma pilha de livros. Continuam. A varanda fica cheia de livros. Kayerts e Carlier folheiam os livros.*

Kayerts - Eu dentes não lia muito.

Carlier - Eu praticamente nunca tinha lido nada.

Kayerts - Só o boletim do trabalho. A necrologia, os colegas que... O tempo, um ou outro escândalo.

Carlier - As anedotas.

Kayerts - Olhe que este Robinson não devia estar melhor do que nós. Até estava bastante pior, estava numa ilha. O Makola e o Sexta-feira iam dar-se bem.

Carlier - Porque é que o Hamlet não chegou ao pé do tio e o confrontou? Mataste o meu pai, porco! Para quê tantas páginas? Não são frontais. E têm aqueles nomes compridíssimos...

Kayerts - Queres ler este? O D. Quixote?

Carlier - Não podes resumir? É que são três volumes...

Kayerts - Olha que ias gostar. São histórias de cavalaria!

Carlier - Ah! *(pega no livro e examina-o)* Tinha estado a ler isto e não dizia nada? Isto são histórias de cavalaria.

Kayerts - Um deles tem um cavalo e o outro, o ... mais forte, tem um burro.



Carlier (lê) - “O cavaleiro da triste figura”. Da triste figura??

Kayerts - O Quixote é maluco.

Carlier - Um cavaleiro maluco? Isto não é verosímil! Estão a ridicularizar a cavalaria!

Kayerts - Ele é louco.

Carlier - É parvo!

Kayerts - Não, é louco.

Carlier - É parvo! Este Kervantes...

Kayerts - Se eu fosse o Quixote, você era o meu escudeiro. E o Makola era o burro!

Carlier - A parte do Makola ser o burro agrada-me.

*Largam os livros, animados.*

Kayerts - (*chama*) Sr. Makola!

*Makola aproxima-se.*

Kayerts - Queres fazer de burro? De cavalo? Pronto

Makola - Henri Price tem que trabalhar. (*afasta-se*)

Kayerts - Este Makola é um autêntico moínho de vento, uma pessoa julga que ele serve para fazer farinha, mas...

*Kayerts e Carlier voltam para os livros. Kayerts procura algo. Carlier lê uma contracapa.*

Carlier - Francamente! Uma mulher casada! E vai assim com o padeiro, o leiteiro, o carteiro (*folheia*) Até com o talhante! Haja decoro! Que espécie de mulher vai para a cama com um talhante? Um indivíduo que minutos antes esteve a esquartejar uma vaca!

Kayerts - Onde é que está essa parte da vaca?

Carlier - Não está... estou a maginar...

*Kayerts finalmente encontra o que procura.*

Kayerts - Este sim!

Carlier - Um livro esplêndido. En garde! (*espeta Kayerts*) Mesmo em cheio no toucinho! (*espeta-o novamente*) Vive La France!

Kayerts - Vamos chamar o Makola e quando ele entrar fazemos de conta que ele é um dos guardas do cardeal e surpreendêmo-lo.

Carlier - Boa ideia. Eu faço de Aramis, que era o ...

Kayerts - Promíscuo?

Carlier - Atraente!

Kayerts - (*chama*) Sr. Makola!

*Makola aproxima-se.*

Makola - Henri Price.

*Kayerts e Carlier, de espada invisível em punho, espetam-no um de cada lado. Makola olha para Kayerts com ar sério.*

Kayerts - *(sussurra para Carlier)* Ele não está a gostar da brincadeira...

Carlier - É melhor guardar a espada...

Kayerts - *(disfarçando)* Sr. Makola, onde está a vedação? Porque é que ainda não foi feita?

Makola - Foi feita.

Kayerts - Foi feita? Então porque é que eu não a vejo?

Makola - Está camuflada.

*Makola sai e deixa Kayerts pendurado.*

Kayerts - Este Makola...

*Kayerts e Carlier voltam para a varanda. Começam a levar os livros para dentro.*

Kayerts - Estes livros estão cheios indivíduos muito espertos

Carlier - Estes livros estão cheios de conflitos desnecessários.  
*(Aclara a garganta e diz em voz militar)* Que disparate!

#### cena 6 - visita de Gobila

*Kayerts e Carlier estão instalados na varanda. Entra Gobila e agacha-se. Observa -os*

Gobila - N'kuahamentho n'khama n'huahmi huo'kah. N'chuahmi m'wah lkuahan.

*Kayerts e Carlier olham divertidos. Gobila levanta-se e vai observá-los de perto.*

Carlier - O que é isto?

Kayerts - Sujeito engraçado

Carlier - Parece inofensivo

Kayerts - *(para Makola)* Sr Makola!

Makola - O meu nome é Henri Price.

Carlier - Quem é este esqueleto velho?

Makola - *(para Kayerts)* É o Gobila. *(acena para Gobila que responde ao cumprimento)* É O chefe da aldeia aqui perto. Gosta de falar com o chefe aqui do posto. Gosta de brancos.

Kayerts - Que tal vai isso, velhote?

*Sorriem um para o outro. Carlier acende o cachimbo. Gobila assusta-se com a chama. Kayerts e Carlier riem*

Kayerts - *(para o Carlier)* Parece um ouriço. *(para Gobila)* Olha o que nós temos para ti, ouriço. *(para Carlier)* Acenda, acenda!

*Carlier acende fósforos para divertir Gobila. Kayerts tenta imitar Gobila. Cai com o rabo no chão.*  
Kayerts - já chega, já chega!

*Kayerts levanta-se e volta para a cadeira. Gobila ri.*

*Gobila - Hi-hilu m'luhe n'khamah n'chuahmi.*

*Entram as mulheres da aldeia de Gobila com comida.*

Carlier - Ah! Assim já se come! Com as provisões que a Companhia deixou morríamos de fome.

*Kayerts e Carlier comem com apetite. Gobila manda as mulheres dançarem*

*Gobila - Hi-hilu muahchentka m'chento.*

*Gobila afasta-se. As mulheres dançam para Carlier e Kayerts.*

Gobila - Comportam-se exactamente como aquela outra criatura branca que se escondeu num buraco no chão. Os homens brancos têm piada. São todos muito jovens, difíceis de distinguir, a não ser talvez pela altura, são todos irmãos e imortais. O branco que cá estava antes, o primeiro branco que eu conheci bem, fingiu morrer e fez-se enterrar com um objectivo misterioso que só ele conhece. Será que foi a sua maneira de voltar para casa? De qualquer forma, estes são seus irmãos. Gosto deles da mesma maneira.

*A um sinal de Gobila as mulheres da sua aldeia saem.*

Gobila - Se calhar estes dois são o mesmo ser que o outro, ou se calhar um destes dois é o mesmo ser que o outro. Não consigo perceber, desfazer o mistério.

*Gobila sai. Carlier e Kayerts continuam a comer.*

#### Cena 7 - consultas

*Carlier sente uma súbita dor de estômago. Grita. Kayerts aflito vai buscar a mala de primeiros socorros.. Carlier arrota e fica bom. Vai tocar o sino. Os homens do posto aparecem.*

Kayerts - Estão em péssima forma. Trabalham pouco e perderam aquele físico esplêndido. *(para os homens do posto)* Vamos lá! *(para Carlier)* O Makola devia ter mais cuidado com eles. Os homens são da companhia

*Um dos homens do posto aproxima-se. Kayerts examina-o.*

Kayerts - Estás a ver? Está cheinho de dores.

Carlier - O Makola diz que eles não gostam da comida. As rações de arroz que a Companhia lhes deixou não lhes caem bem. Na terra deles não há arroz e eles não se conseguem habituar. É por isso que andam sempre doentes e infelizes.

Kayerts - *(para o homem do posto)* Têm de comer. Ficar fortes e contentes. Próximo!

*O homem do posto afasta-se e aproxima-se outro.*

Carlier - O Makola acha que eles não são felizes. Que têm saudades dos rituais mágicos, das feitiçarias, dos sacrifícios humanos da terra deles; onde estão os pais, os irmãos, as irmãs, os chefes que admiram, os feiticeiros que respeitam, os amigos que amam, enfim, os laços que as pessoas costumam ter.

Kayerts - Está inchado. Está cheio de pús. *(para o homem do posto)* Já estão cá há muito tempo, não é?

Carlier - O Makola contou que estes sujeitos foram contratados pela Companhia só por seis meses. Mas como eles mal sabem o que é o tempo, e muito menos o que é um mês, já andam a servir a causa do progresso há mais de dois anos.

Kayerts - *(para o homem do posto)* Vejam lá, não fujam. Fugir é mau. Próximo!

*O homem do posto afasta-se e aproxima-se outro.*

Carlier - O Makola garante que eles não fogem. Eles não são de cá e acham que se fossem apanhados a vaguear por aí eram mortos pelas tribos desta zona. E nisso têm toda a razão.

Kayerts - Isto está uma miséria! Nem se aguenta em pé. *(para o homem do posto)* Não morram. Vocês não se matem . É muito feio. Deus castiga.

Carlier - Acho que não corremos esse risco.

*O homem do posto sai desorientado. Junta-se aos outros e saem todos. Kayerts olha para Carlier.*

Carlier - O Makola tem a certeza que estes não são de se matar. Se fossem doutra tribo qualquer já tinham decidido matar-se; para alguns selvagens não há nada mais fácil que o suicídio. Mas estes pertencem a uma tribo guerreira de dentes afiados. Têm garra. Preferem continuar a viver como estúpidos. Doentes e infelizes.

*Ficam a olhar para o vazio. Kayerts tem um ataque de febre.*

Kayerts - Hoje, está mais calor, não está?

*Carlier trata dele com devoção. Kayerts melhora.*

Carlier - Agora até me assustou! (ficando subitamente doente) Hoje parece que arrefeceu um pouco, não foi?

*Kayerts trata dele com devoção. Carlier melhora.*

*Kayerts - Pronto,pronto, foi só uma febrita.*

*Estão os dois com pior aspecto. Entram mulheres com mantimentos. Eles comem.*

#### cena 8 - o jornal

*Carlier vai até ao rio. Kayerts entra em casa e volta a sair com um jornal na mão. Vai ter com Carlier.*

Kayerts - Olha só o que eu encontrei!

Carlier - O raio do hipopótamo assusta os peixes. *(olha para o jornal desconfiado)* Esse jornal é de quando?

Kayerts - Estão aqui a falar de nós!

Carlier - De nós? Esse jornal é antigo!

Kayerts - Neste artigo: “A Frente do Progresso”.

Carlier - O que é que isso tem a ver connosco?

Kayerts - *(lê)* Nesta época em que vivemos, parece cada vez mais perto o momento em que a luz da inovação e do progresso se sobreporá às trevas arcaicas. A cada dia que passa se inaugura um novo ciclo de evolução, se sobe um pouco mais a montanha da civilização. Somos nós, *(interrompendo a leitura)* Estás a ver Carlier? somos nós.

Carlier - Nós?

Kayerts - *(continuando a leitura)* Somós nós, privilegiados pela natureza, quem terá de retribuir a dádiva, levando esse estertor às gentes menos esclarecidas. Estamos a levar a luz do progresso, do saber e da ventura, aos lugares negros da terra.

Carlier - Isto é um lugar negro da terra.

Kayerts - *(continuando a leitura)* É esta a nossa responsabilidade, o desafio que todos os dias tantos dos nossos concidadãos enfrentam nos confins deste mundo, à distância de tantos oceanos e perigos. Por isso relembramos os nomes de que todos os que partiram para os lugares sombrios da terra levando os direitos e deveres da civilização, o sagrado labor civilizacional, a luz, a fé e o comércio. Como disse o poeta, «hoje a vigília é nossa». Pois aqui estamos, para dar o nosso melhor. Para servir os desígnios do progresso. Afinal, apenas para cumprir o nosso dever.

*Carlier e Kayerts meditam e começam a ter-se em melhor conta.*

Kayerts - Sinto-me.... maior!

Carlier - *(gesticulando)* Já pensaste? Daqui a cem anos isto vai ser uma cidade. Um grande cais, armazéns, gruas, estradas com cruzamentos, escritórios e-e-e-casinos. Civilização, meu caro, e virtude e... e isso tudo. E depois as pessoas vão ler que dois tipos impecáveis, Kayerts e Carlier *(repara que apontou ao contrário e corrige)* Carlier e Kayerts, foram os dois primeiros homens civilizados a viver aqui neste sítio. *(olha para a cruz).*

Kayerts - *(concordando)* Pois é. Só de pensar nisso, é um consolo para a alma.

*Kayerts dirige-se para a varanda. Carlier vai endireitar a cruz torta e junta-se a ele.*

Carlier - Já me estava a fazer impressão. Assim toda torta. Agora está para durar. Garanto-te.

#### cena 9 - homens maus

*Kayerts e Carlier estão na varanda.*

Narrador - E assim se passaram cinco meses.

Kayerts - O barco deve estar para chegar

Carlier - É, o barco deve estar para chegar.

*Entram os homens com espingardas. Makola fica nervoso. Os homens passeiam-se pelo posto e páram em frente à varanda. O chefe faz um longo discurso.*

Homem mau - Lubei kaba mai. Djiai gonabuei bagi. Kobei goji. Nai luba goji abolé. Guei beinai laigui. Bolo goji lunai beji mai lubei. Guei bailó goji, nai bailu kabó mai. Djiu?

*Kayerts e Carlier olham espantados. O homem repete zangado.*

Homem mau - Lubei kaba mai. Djiai gonabuei bagi. Kobei goji. Nai luba goji abolé. Guei beinai laigui. Bolo goji lunai beji mai lubei. Guei bailó goji, nai bailu kabó mai. Djiu?

*Makola aproxima-se.*

Kayerts - Donde é que eles vêm? Quem são eles?

Makola - (*apressado*) Não sei. Vêm de muito longe. Talvez senhora Price compreende. Talvez são homens maus. (*para os homens maus*) Não falar com eles! Comigo... falar comigo!

Homem mau- Benjiri bongo lugué.

Makola - Eu não perceber... Não falo a vossa língua... Virem à minha casa... Minha mulher talvez entende...

Homem mau - Cajibai mai.

Makola - Está bem? (*começando a sair*) Venham comigo... Vamos falar...

*Makola sai com os homens com maus.*

Kayerts - Que linguajar era aquele? Por momentos pensei que ele estava a falar a nossa língua.

Carlier - Não gosto destes tipos. E cá para mim, Kayerts, são da costa. Têm espingardas.

Kayerts - Eu também não gosto destes tipos.

*Ficam inquietos. Carlier entra em casa e volta com dois revólveres*

Carlier - (*entregando um revólver a Kayerts*) Pelo sim, pelo não.

Kayerts - É, nunca se sabe.

*Carregam os revólveres.*

Kayerts - Temos de dizer ao Makola para os mandar embora antes do anoitecer.

*Makola regressa com os homens maus e aponta-lhe o caminho. Eles saem.*

Kayets - O que é que eles queriam, Makola?

Carlier - Quem são eles, Makola?

Kayets - Donde é que eles vêm, Makola?

Carlier - Já se foram embora, Makola?

Kayets - Para onde é que eles vão, Makola?

Carlier - Makola?

*Makola parece não os ouvir. Sai. Kayerts e Carlier estão desorientos. Makola passa.*

Kayerts - (*tentando chamar*) Makola...

*Makola sai.*

Kayerts - (*preocupado*) Este Makola hoje está muito estranho.

Carlier - Mantém os nossos homens juntos para o caso de haver sarilhos.

*Carlier vai pescar. Kayerts medita na varanda.*

cena 10 - a armadilha

*Kayerts que observa as colunas de fumo que se erguem da floresta. Ouvem-se tambores, gritos e tiros ao longe. Makola entra e dirige-se*

Kayerts - O que é aquilo?

Makola - Umás aldeias ardem. *(abrupto)* Temos muito pouco marfim, seis meses de comércio mau. Quer um pouco mais marfim?

Kayerts - *(ansioso)* Pois. Sim.

Makola - Os homens que apareceram hoje são comerciantes da costa que têm mais marfim do que podem carregar. Compro? Sei onde estão.

Kayerts - Claro. Que tipo de comerciantes são?

Makola - *(indiferente)* Gente má. Lutam com pessoas, apanham mulheres e crianças. São homens maus e têm armas. Há grande perturbação na zona. Quer marfim?

Kayerts - Sim. Nós estamos aqui é para fazer negócio.

*Silêncio.*

Makola - *(murmura olhando em volta)* Aqueles nossos homens não prestam para nada. Posto está muito mal, Sr. Kayerts. Director vai reclamar. Melhor arranjar muito marfim, assim director não diz nada.

Kayerts - A culpa não é minha, os homens não trabalham. Quando é que tu arranjas esse marfim?

Makola - Logo, logo. Talvez esta noite. Deixa comigo e fica na casa, senhor. Acho que é melhor dar algum vinho aos homens para fazer uma festa esta noite. Eles divertirem-se. Amanhã trabalhar melhor. Temos muito vinho. Está a ficar azedo.

Kayerts - Sim. Trata disso, então.

*Carlier regressa da pesca. Makola sai. Carlier mostra o que pescou.*

Carlier - Vi umas quinze canoas a atravessar o rio enquanto estava a pescar. Os nativos andam muito agitados, hoje. Que raio é que se passa...

Carlier e Kayerts entram em casa.

cena 11 - a noite

*Barulhos de festa. Os homens do posto e alguns homens de Gobila divertem-se. Silêncio. Ouve-se um grito. Kayerts acorda e vai para a varanda. Ouve-se um tiro. Carlier acorda e vai ter com Kayerts à varanda. Estão ambos armados e assustados. Makola passa. Eles tentam aproximar-se.*

Makola - *(grita)* Não disparem! Sou eu, Price.

*Makola vai ter com eles.*

Makola - Vão para casa, para casa, por favor. Vocês estragam tudo.

Carlier - Anda para aí gente estranha.

Makola - Não preocupa, eu sei. *(sussurra)* Tudo bem. Trazer marfim. Não diz nada. Eu sei o que estou a fazer.

*Kayerts e Carlier voltam para dentro de casa. Makola carrega marfim com um homem mau.*

Carlier - *(dentro de casa)* Olha que este Makola...

Kayerts - ...não tem preço.

cena 12 - a manhã seguinte

*Kayerts e Carlier saem de casa. Carlier toca o sino. Não aparece ninguém.*

Carlier - Não temos quorum.

Kayerts - Toca com mais força, Carlier.

*Carlier volta a tocar o sino. Makola aparece com uma bacia com água e com sabão.*

Makola - *(gritando de longe)* Homens todos foi embora esta noite.

Kayerts e Carlier - *(surpreendidos)* O quê?

Carlier - Eu vou ver. Vou tirar isto a limpo.

*Carlier sai.*

Kayerts - E não voltam?

Makola - Não.

Kayerts - Ingratos! Não posso acreditar. Tratámos deles como se fossem nossos filhos.

Makola - *(depois de alguma hesitação)* Foram com homens da costa.

Kayerts - Quero lá saber com quem é que eles foram. Ingratos.

Makola - Quer ir ver o marfim que eu tenho ali? É um belo lote. Assim nunca viu.

*Makola mostra o marfim a Kayerts que examina o lote com satisfação.*

Kayerts - O que é que deste por isto?

Makola - Não é comércio normal. Eles trouxeram marfim e deram a mim. Eu disse para levar o que eles mais quiserem no posto.

Kayerts - O que é que eles queriam?

Makola - É um belo lote. Nenhum posto tem marfim tão bom. Aqueles comerciantes precisar muito de carregadores e os nossos homens não fazer nada aqui. Não é comércio, não entra nos livros. Tudo correcto.

Kayerts - *(grita indignado)* O quê!? Não acredito! Tu trocaste os homens pelo marfim?

*Makola não reage.*

Kayerts - Eu-eu-vou-eu *(grita)* Seu pulha!



Makola - (*imperturbável*) Fiz o melhor para o senhor e para a Companhia. O Sr. Kayerts disse que quer o marfim. Porque grita tanto? Olha para este marfim.

Kayerts - Eu despeço-te! Eu faço queixa de ti. Nem quero olhar para isso. Eu proíbo-te de tocar nesse marfim. Eu ordeno-te que o atires ao rio. Seu....seu!

Makola - Está muito vermelho, senhor Kayerts. Se fica tão irritado debaixo deste sol, vai apanhar febre e morrer. Como o primeiro chefe!

*Olham um para o outro intensamente. Kayerts treme. Makola sai. Carlier regressa.*

Kayerts - Desapareceram todos? Não encontraste ninguém?

Carlier - Ah isso é que encontrei. Um dos homens do Gobila, morto, ao pé das cabanas. Morto a tiro.

*Carlier repara o marfim.*

Carlier - (*murmura*) Coisa estranha!

Kayerts - Foi o Makola Ele diz que não foi comércio. Que lhes ofereceu o que eles mais queriam em troca do marfim. Que lhe rouxeram o melhor marfim, que nenhum lote é igual a este e que os nossos homens não estavam aqui a fazer nada. O selvagem preparou tudo com cuidado.

*Carlier acende o cachimbo e aproxima-se do marfim. Inspecciona-o e volta para junto de Kayerts.*

Carlier - Estou a ver. Foram apanhados quando estavam ferrados a dormir, depois de beberem aquele vinho todo que deixaste o Makola dar-lhes. Uma armadilha! Estás a ver? E o pior é que estavam lá uns homens do Gobila e também foram levados. Não há dúvida nenhuma. O que estava menos bêbado acordou e levou um tiro por estar sóbrio. Esta terra tem que se lhe diga. O que é que vais fazer, agora?

Kayerts - Não lhe podemos tocar, claro.

Carlier - Claro que não. É contra a lei.

Kayerts - Pior, é contra os regulamentos da companhia! (*hesita*) A escravatura é uma coisa horrível.

Carlier - (*com convicção*) Terrível - que sofrimento.

*Carlier e Kayerts voltam para a casa murmurando imprecações contra Makola.*

Narrador - Kayerts e Carlier acreditavam nas suas próprias palavras. Todos sentimos um grande respeito por certos sons produzidos por nós ou pelos nossos semelhantes - escravatura, crueldade, crime, devoção, virtude, sacrifício. Para lá das palavras, para lá dos sons, não conhecemos nada. (*imitando Carlier*) Sofrimento.

Kayerts - E o homem do Gobila, o que é que lhe fazemos?

Carlier - O Makola que o enterre.

Kayerts - Isso. O Makola que enterre.

*Entram em casa.*

*Kayerts e Carlier saem de casa. Carlier vai para tocar o sino e desiste. Makola instala uma balança para pesar o marfim. Kayerts e Carlier observam-no a partir da varanda.*

Carlier - Olha se não é o senhor traficante!

Kayerts - Parece que não tem alma.

Carlier - O que é que aquele aldrabão nojento anda a tramar?

*Carlier aproxima-se de Makola e Kayerts segue-o. Observam-no. Makola não repara. Acaba de instalar a balança e tenta pôr um dos dentes no prato. É demasiado pesado. Desiste e pára. Ficam os três parados como estátuas.*

Carlier - *(subitamente)* Segura desse lado, Makola, sua besta!

*Carlier e Makola põem o dente na balança. Kayerts treme. Leva a mão ao bolso tira um papel e um lápis.*

Kayerts - *(murmura)* Que horror!

*Kayerts fica de costas para os outros a apontar os pesos que Carlier anuncia.*

Carlier - *(entusiasmado)* Cinquenta! Cem quilos! Seu animal.

Kayerts - Que nojo!

Carlier - Cento e cinquenta. Miserável. E ainda não chega. E ainda não chega.

Kayerts - Credo!

Carlier - Duzentos! Traficante. Duzentos e cinco. Duzentos e seis quilos.

*Silêncio.*

Makola - Aqui fora o sol está muito forte para os dentes.

Carlier - *(para Kayerts, fingindo indiferença)* Ó chefe, já agora ajudo-o a levar isto para o armazém.

*Carlier e Makola levam o dente para o armazém. Kayerts e Carlier voltam para a varanda e Makola arruma a balança..*

Kayerts - *(com um suspiro)* Isto tinha que ser feito!

Carlier - É deplorável. *(pausa)* Mas sendo os homens homens da Companhia, o marfim é marfim da Companhia. Temos de tomar conta dele.

Kayerts - Eu vou comunicar ao Director, claro.

Carlier - Claro, ele que decida.

*Makola aproxima-se.*

Makola - Henri Price faz agora dia de folga. Dia de folga com a família.

*Makola sai.*

Carlier - Grande besta!

Kayerts - O animal!

Carlier - É um miserável!

Kayerts - O bandido!

#### cena 14 - Gobila

*Ouvem-se os tambores da aldeia de Gobila.*

Narrador - Kayerts e Carlier sentiam-se mais sozinhos do que nunca. Algo dentro deles tinha desaparecido. Algo que os protegia do desespero e da selvajaria. Aquele sítio parecia agora muito maior e muito vazio. Gobila e o seu povo não voltaram a ser vistos. Estavam de luto. Amaldiçoavam os brancos que tinham trazido aqueles homens maus para a sua terra. Os homens maus tinham ido embora mas o medo tinha ficado. O medo fica sempre. Falava-se em vingança. Em matar e queimar.

Gobila - N'chuahmi m'wah lkuahan. É melhor deixa-los em paz. Os espíritos do mal apoderaram-se dos seus corações. Sabe-se lá o que estas criaturas misteriosas serão capazes de fazer se as provocarmos. É melhor ficarmos afastados e ter esperança. Se o primeiro branco nunca morreu estes dois nunca estiveram vivos. Talvez eles também desapareçam para dentro da terra.

Narrador - Mas Kayerts e Carlier não desapareceram.

#### cena 15 - Amanhã vemos o barco

*Carlier e Kayerts conversam animados na varanda.*

Kayerts - As provisões estão a acabar.

Carlier - Isto está a ficar mau.

Kayerts - Amanhã vemos o barco.

Carlier - Logo à noite vamos comer peixe grelhado. Vou pescar

*Carlier vai pescar. Makola aproxima-se de Kayerts.*

Makola - Não há peixe no rio.

*Makola afasta-se. Carlier volta para junto de Kayerts.*

Carlier - Não há peixe no rio. O hipopótamo afasta o peixe.

*Silêncio. Conversam ansiosos.*

Carlier - As provisões estão a acabar.

Kayerts - Isto está a ficar mau.

Carlier - Amanhã vemos o barco. *(pausa)* Logo à noite vamos comer galinha estufada. *(para Makola)* Vamos à aldeia do Gobila.

Makola - É para ir, Sr. Kayerts?

Kayerts - Vai, vai.

*Carlier e Makola saem e voltam a entrar fugindo de um ataque.*

Makola - *(para Kayerts)* Eu servir de escudo. Usar Henri Price como escudo. Meter-me à frente. *(afasta-se zangado)*

Carlier - Tentaram matar-nos. Se eu não tivesse treino militar.

Kayerts - Tu nunca estiveste em combate.

Carlier - Mas tive treino. *(murmura)* Nunca estiveste em combate.

*Silêncio. Conversam melancólicos.*

Kayerts - As provisões estão a acabar.

Carlier - Isto está a ficar mau.

Kayerts - Amanhã vemos o barco.

Carlier - Logo à noite vamos comer bife de vaca. Vou à caça.

*Carlier pega no revólver e vai até ao rio.*

Kayerts - *(para Makola)* Hipopótamo... come-se?

Makola - *(para Kayerts)* A corrente está muito forte.

*Carlier dispara.*

Carlier - Matei-o! Matei-o! Ah Ah! *(vê-o a ir embora)* Rápido, uma corda! A corrente está muito forte! Ele está a ir embora! Uma corda! Uma corda!

*Makola e Kayerts aproximam-se. Ficam os três a ver o hipopótamo a afastar-se*

Makola - Está a ir para os lados da aldeia de Gobila.

Carlier - *(grita)* Larguem-no! É meu! Fui eu que o matei! Vocês não têm honra! Estão a comer o meu hipopótamo. *(recompõe-se)* Sabes que mais? A única maneira deste país se tornar habitável é exterminar esta gente toda.

Kayerts - Amanhã vemos o barco.

*Dirigem-se para casa e entram.*

Narrador - Mas o barco estava atrasado. Um dos barcos da Companhia tinha naufragado e o Director estava ocupado com o auxílio aos entrepostos mais importantes. Considerava que aquele posto inútil e aqueles homens inúteis podiam esperar.

*Sai o Narrador.*

cena 16 - açúcar

*Kayerts e Carlier saem de casa com tijelas de arroz.*

Kayerts - Como é que está o arroz hoje?

Carlier - Uma porcaria! Como é que está? Como é que está? Uma porcaria. Arroz sem sal, café sem açúcar. Uma porcaria.

Kayerts - Já só há 15 cubos de açúcar. Ficam guardados com o conhaque para a eventualidade de uma doença. Tínhamos combinado...

Carlier - Eu sei, eu sei. Quando se está doente um pequeno extra é sempre um consolo.

Kayerts - As pernas estão a dar cabo de mim.

Carlier - Os mosquitos não me largam!

Kayerts - Tem graça, eu os mosquitos já nem os sinto...

Carlier - Porcaria de terra.

Kayerts - O barco não há-de tardar muito

Carlier - O barco? Qual barco? Qual barco? Estás a ver algum barco? Não há barco nenhum! Deixaram-nos aqui! A apodrecer. Esta terra está a apodrecer e nós estamos a apodrecer com ela. Até o rio está parado. Quando o Director chegar convidamo-lo: “Venha comer um arrozinho... arroz local, é sem sal, aqui não se usa! Nem carne... Aprendemos muito enquanto cá estivemos... também, os senhores nunca mais vinham! Foram primeiro dar as vossas voltinhas, não foi?” Se eu fosse a eles também não vinha. O que é que nós ganhámos com isto? Febre, só febre.

Kayerts - E a comissão.

Carlier - E a comissão. Vou estourar tudo em bebida.

Kayerts - Vamos ter muito que explicar.

Carlier - Vais contar do negócio da besta do Makola?

Kayerts - Se o Director descobre...

Carlier - *(com uma gargalhada sarcástica)* Ele já viu coisas piores serem feitas pela calada. Vais confiar nele? Olha que não te vai agradecer por dares com a língua nos dentes. Ele não é melhor do que tu, ou do que eu.

Kayerts - E os homens? O que é que lhe dizemos?

Carlier - Que foram embora.

Kayerts - Embora para onde?

Carlier - Embora. Estavam aqui e um dia... foram embora! Se nós não dissermos nada, quem é que vai dizer? Não há aqui ninguém.

*Kayerts vai buscar duas chávenas de café e dá uma a Carlier. Carlier pousa a chávena sem o provar.*

Carlier - Que se lixe! Pelo menos uma vez, vamos beber um café decente. Traz o açúcar, Kayerts!

Kayerts - *(murmura, sem olhar para ele)* Em caso de doença.

Carlier - *(goza)* Em caso de doença. Bah! Muito bem: eu estou doente.

Kayerts - *(calmo)* Não estás mais doente do que eu e eu passo bem sem ele.

Carlier - Vamos lá! Venha de lá esse açúcar, senhor traficante de escravos.

*Kayerts olha para ele. Carlier sorri insolente.*

Kayerts - *(controlando a supresa e o medo)* Essa piada é de muito mau gosto. Não a repitas.

Carlier - *(chega-se para a frente)* Piada! Eu tenho fome, eu estou doente, isto não é uma piada!

Kayerts - O que é que estás a fazer?

Carlier - *(sem o ouvir)* Detesto hipócritas. Tu és um hipócrita.

Kayerts - Tu não estás em ti.

Carlier - *(continua)* Tu és um traficante de escravos. Eu sou um traficante de escravos. Só há traficantes de escravos neste maldito país.

Kayerts - Tu não te atrevas.

Carlier - *(sempre sem ouvir)* Eu hoje quero açúcar no meu café, dê lá por onde der!

Kayerts - *(mostrando alguma determinação)* Proíbo-te de falares comigo dessa maneira.

Carlier - *(grita, levantando-se de um salto)* Tu, o quê?

*Kayerts também se levanta.*

Kayerts - *(tentando controlar a voz)* Eu sou o teu chefe.

Carlier - *(grita)* O quê? Chefe de quem? Aqui não há chefe. Aqui não há nada: não há nada a não ser tu e eu. Vai buscar o açúcar, seu pote de banha.

Kayerts - Tem tento na língua. Sai daqui. *(grita)* Eu despeço-te, seu... seu miserável!

Carlier - *(ameaçando com um banco)* Meu civil inútil. Toma!

*Carlier atira a cadeira. Kayerts desvia-se. Carlier aproxima-se de Kayerts que investe contra ele derrubando-o e foge para dentro de casa..*

Carlier - *(dando pontapés ritmados na porta)* Quero o açúcar! Quero o açúcar! Quero o açúcar! *(gritando)* Se não trouxeres o açúcar abato-te já aqui, como a um cão. Então? Um, dois, três. Não trazes? Eu já te mostro quem é que manda aqui.

*Kayerts sai por uma janela. Traz o revólver na mão. Carlier começa a correr para tentar apanhar Kayerts. Kayerts foge. Correm à volta da casa.*

Kayerts - Antes de acabar a próxima volta, estou morto.

*Carlier pára para recuperar o fôlego. Kayerts percebe e pára também. Não se vêem um ao outro. Deixam-se cair até ficarem sentados no chão.*

Kayerts - Como é que isto aconteceu? Isto não pode estar a acontecer, devo estar a sonhar. Eu estou a ficar louco. Como é que isto começou? Por causa do açúcar! Que coisa estúpida. Eu dava-lhe o açúcar. Não quero o açúcar para nada. *(Começa a levantar-se sentindo-se mais seguro. Pára de repente.)* Se eu ceder agora àquele bruto daquele soldado, ele volta à carga amanhã e no dia seguinte e todos os dias, sempre com mais exigências, a aterrorizar-me, a torturar-me, a tratar-me como escravo, e aí eu estou perdido. Completamente perdido! O barco pode demorar dias a vir. Pode nunca mais vir.

*Kayerts treme no chão. Carlier levanta-se. Kayerts percebe e levanta-se também. Começam a correr, mas desta vez vão na direcção um do outro. Chocam. Ouve-se um tiro. Caem cada um para seu lado. Makola aproxima-se.*

Kayerts - Fui atingido. Estou morto.

Makola - Vamos, senhor Kayerts. Ele está morto.

*Kayerts percebe que está vivo. Desata a chorar. Makola repara no revólver no chão.*

Makola - Esta é a sua arma?

Kayerts - Sim. *(rápido)* Ele vinha atrás de mim para me matar. Tu viste!

Makola - Sim, eu vi. Só está aqui uma arma. Onde está a dele?

Kayerts - *(com voz sumida)* Não sei.

*Makola procura o revólver de Carlier sem sucesso. Kayerts fecha os olhos. Makola reflecte um pouco e depois aponta para o morto.*

Makola - Ele morreu de febre.

*Kayerts olha para ele inexpressivo.*

Makola - *(pensativo)* Sim. Acho que ele morreu de febre. Amanhã enterro ele.

*Makola põe as cadeiras no sítio e senta o cadáver de Carlier na cadeira de Kayerts.*

#### cena 17 - a morte

*Cai a noite. Kayerts senta-se imóvel na cadeira de Carlier.*

Kayerts: É tudo falso. É tudo falso, desprezível e infantil. A vida já não tem segredos para mim, nem a morte. Este clima aumenta as nossas capacidades. A adversidade das condições naturais. É como se me tivesse libertado de mim mesmo. Tenho uma nova sabedoria. Vejo tudo como uma nova luz. A besta que morreu era um chato do caraças. E seja como for morrem milhares de pessoas todos os dias, se calhar centenas de milhar - quem sabe? - e em tantas mortes mais uma menos uma não faz diferença nenhuma. Pelo menos para um ser pensante. Eu, Kayerts, sou um ser pensante. Fui toda a vida, até este momento, mais um na manada do senso comum. Dos tolos. Mas agora eu penso. Agora eu sei. Eu, Kayerts.

*Kayerts repara que está na mesma posição que Carlier. Silêncio.*

Kayerts - Eu...Carlier. Que horror!

*Tenta assobiar. Adormece. Nasce o dia. Nevoeiro intenso. Ouve-se um assobio ao longe. Kayerts levanta-se e vê o corpo de Carlier.*

Kayerts - Carlier. Socorro!.. Meu Deus!

*Mais assobios. Barulhos estridentes ao longe. Kayerts sai da varanda aos tropeções.*

#### cena 18 - o barco

*Makola entra a correr e dirige-se ao sino.*

Makola - *(grita)* É o barco! É o barco! Eles não conseguem ver. Estão a apitar para chamar o posto. Vá para o cais, senhor.

*Makola vai tocar o sino. Kayerts afasta-se e desaparece no nevoeiro. Entram o director e o marinheiro desembarca.*

*Director - (avança gritando) Kayerts! Kayerts! ( para o marinheiro) Não está aqui ninguém.*

*O marinheiro dirige-se à casa e o Director dirige-se à cruz.*

*Marinheiro - (encontrando Carlier) Está aqui um.*

*Director - (encontrando Kayerts enforcado na cruz) Está aqui outro.*

**FIM**